Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.07, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v7i1.3729

ANALOGIA ENTRE AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM (AMBIENTALISTA, INATISTA E INTERACIONISTA) SOB A PERSPECTIVA DA INFÂNCIA COM O FILME MATILDA (1996)

ANALOGY BETWEEN LEARNING THEORIES (ENVIRONMENTAL, INNATIST, AND INTERACTIONIST) FROM THE PERSPECTIVE OF CHILDHOOD WITH THE MOVIE MATILDA (1996)

Eykman Gama Fraga
Graduando em Pedagogia, Faculdade de Ensino Superior de Linhares- ES – Brasil
E-mail: eykmangf@gmail.com

Valeria Vieira dos Santos
Professora na Faculdade de Ensino Superior de Linhares- ES – Brasil
E-mail: valeria.vieira@faceli.edu.br

Recebido: 12/03/2025 – Aceito: 15/04/2025

Resumo

O artigo em questão tem como objetivo fazer uma analogia entre as teorias da aprendizagem a partir dos teóricos Burrhus Frederico Skinner (1904-1990), com a teoria ambientalista; Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), com a teoria do inatismo; Jean Piaget (18961980) e Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), com a concepção teórica do interacionismo. Com base nessas teorias, o artigo retrata as diferentes concepções acerca da educação apresentada no filme *Matilda* (1996), possibilitando uma analogia. Sabemos que as famílias são diferentes uma das outras, assim como os outros responsáveis na formação de todo o ser humano: os pais, a família, a escola, o professor e a sociedade em geral, pois possuem diferentes percepções tanto quanto à criança quanto à infância. As teorias de aprendizagem se referem às formas de apreensão de mundo, de sociedade e de homem que têm nos dado um norte daquilo que mais se adapta e, consequentemente, influencia nos processos de ensino e de aprendizagem como o ambientalismo que apresenta uma pedagogia diretiva, o inatismo que dita uma pedagogia não diretiva e o interacionismo cuja pedagogia é a relacional. Assim, o artigo busca, através das teorias de aprendizagem, discutir como a infância é representada por diferentes percepções e práticas educacionais, a partir dos exemplos apresentados pelos personagens no filme *Matilda* (1996) e, para tal, apresentar as concepções ambientalista, inatista e interacionista bem como refletir os conceitos de infância e infâncias, com ênfase na infância como categoria social; recontar o filme Matilda e fazer analogia com seus personagens e as teorias da aprendizagem, finalizando o artigo com as considerações finais.

Palavras-chave: Criança. Infância. Teorias da aprendizagem.

Família. Educação.

Abstract

The aim of this article is to draw an analogy between learning theories based on the theorists Burrhus Frederic Skinner (19041990) with the environmentalist theory; Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) with the theory of innatism; Jean Piaget (1896-1980) and Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) with the theoretical conception of interactionism. Based on these theories, the article portrays the different conceptions of education presented in the film Matilda (1996), enabling an analogy. We know that families are different from one another, just as other figures responsible for the formation of every human being—parents, family, school, teachers, and society in general—have different perceptions both of the child and of childhood. Learning theories refer to ways of grasping the world, society, and human beings, providing us with a guide for what best adapts and consequently influences teaching and learning processes, such as environmentalism, which presents a directive pedagogy; innatism, which dictates a non-directive pedagogy; and interactionism, whose pedagogy is relational. Thus, the article seeks, through learning theories, to discuss how childhood is represented by different perceptions and educational practices, based on the examples presented by the characters in Matilda (1996), and to present the environmentalist, innatist, and interactionist conceptions, while reflecting on the concepts of childhood and infancies, with an emphasis on childhood as a social category. The article concludes with final considerations.

Keywords: Child. Childhood. Learning theories. Family. Education.

1. INTRODUÇÃO

A infância é vista como uma fase inocente e a criança é alguém com várias demandas para a aprendizagem que incluem, através do educar, o desenvolvimento para a comunicação verbal ou não verbal, a compreensão do mundo, suas emoções etc. No entanto, o ato de cuidar é de tamanha responsabilidade da família e, de acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), integram como papel complementar da escola, além do cuidar, o educar desde a Educação Infantil.

De acordo com as legislações é preciso compreender que há não só as famílias como os responsáveis pela educação da criança, mas a escola que tem um de seus objetivos, complementar tal educação. Ao ouvir falar sobre a Educação Infantil, necessariamente, precisamos pensar em toda a sua intencionalidade de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento através das brincadeiras e interações[1], mas nem sempre e nem para toda criança é assim. Sabemos que uma mesma educação não

[1] Eixos norteadores do trabalho na Educação Infantil segundo as DCNEIs (2009).

formará os mesmos cidadãos e, com isso, podemos identificar as teorias da aprendizagem e seus aspectos na educação de cada criança.

Ao longo dos séculos foram pontuadas diversas teorias sobre os processos de ensino. A educação sempre está em mudança, mesmo que nem todos se adequem a isso. Estudiosos como: Skinner (1904-1990), Rousseau (1712-1778), Piaget (1896-1980), Vygotsky (1896-1934) e outros afirmam que para as infâncias é necessário um olhar diferente.

Com o surgimento das teorias da aprendizagem, suas abordagens e concepções pontuadas pelos teóricos tornou-se possível nortear e reconhecer que nem toda criança em sua fase de desenvolvimento/crescimento irá se portar da mesma maneira, com as mesmas aprendizagens, conhecimento e saberes. Assim, acarretarão consequências para a sua fase adulta por ter suas experiências e vivências em uma abordagem diferente, já que o mesmo indivíduo possui a sua própria forma de pensar, ou seja, em seus pensamentos, criticidade e posicionamento, ele se comportará de acordo com a educação recebida e as experiências adquiridas no período de sua infância serão imprescindíveis para o seu desenvolvimento.

Para a clareza das teorias da aprendizagem, na prática, será feita uma analogia entre elas com o filme *Matilda* (1996) que, por sua vez, trará exemplos de personagens do próprio filme, exemplificando cada abordagem, relacionando posicionamentos e comportamentos apresentados pelos personagens com as suas respectivas teorias.

O objetivo deste artigo é analisar que, ao compararmos as teorias da aprendizagem (ambientalista, inatista e interacionista) com a história do filme Matilda (1996) perceberemos que cada teoria influencia no desenvolvimento infantil. Não há como dizer qual abordagem teórica é adequada ou qual seria a melhor, mas sim compreender suas concepções e abordar como a escola, a família e a criança constroem perspectivas diferentes vinculadas em seus diferentes lugares de convívio.

2. TEORIA AMBIENTALISTA

Características da teoria ambientalista de Skinner (1983) afirmam que ao observar uma criança em sociedade, desde o seu comportamento junto a família, na escola e com outras crianças, é possível destacar algumas influências desta teoria que, por sua vez, diz que no ambiente físico ou social, o indivíduo introduzido em uma família associa à formação de hábitos, o que privilegia o ambiente para o desenvolvimento da criança na sociedade e, com isso, a formação de suas características e a transformação de sua

personalidade. Skinner (1983) nos afirma que o meio ambiente está composto no comportamento e na ação e não no biológico, ou seja, o ambiente construído pelo homem pode controlá-lo. E, então, ele diz que:

> "Assim como o indivíduo se controla através da manipulação do mundo em que vive, também a espécie humana construiu um ambiente em que os seus membros se comportam de uma forma extremamente eficaz" (Skinner, 1983, p.154).

A teoria ambientalista, de acordo com os estudos de Skinner (1953) olhando para um lado escolar, apenas prepara o estudante para o mercado de trabalho, não fazendo com que a criança busque outros tipos de conhecimentos ou qualificações, afinal, tudo dependerá da família na qual essa criança está inserida e também do tipo de profissionais que estão transmitindo tal conhecimento para ela. A teoria está totalmente enraizada num modelo tradicional, em que qualquer tipo de manifestação crítica foge do resultado esperado pela sociedade, pois o foco dessa abordagem está apenas na adaptação do indivíduo às normas sociais, desencorajando-os aos questionamentos que possam levar a uma reflexão crítica.

A teoria de Skinner (1953) advém da epistemologia empirista, uma teoria filosófica na qual se acredita que, para todo conhecimento, é necessário uma experiência anterior. A teoria permite dizer que as crianças serão como os pais e aqueles que lhes servem como tutores ou mentores. As crianças são consideradas como uma "tábua rasa", sendo o pai ou o professor aquele que detém o conhecimento. Por ter uma pedagogia diretiva, o ensino é baseado em ordens, sem possibilidades de questionar aquilo que é ensinado por aquele que detém o conhecimento.

Essa teoria apresenta uma abordagem mecanicista, a qual necessita de um meio material como se, ao final da escolaridade, o estudante fosse apenas um produto para a sociedade e o mercado de trabalho. A escola, nesse contexto, não tem como objetivo formar estudantes críticos e, por isso, não faz suposições de desafios para que eles possam enfrentar. O comportamento humano é analisado através da observação, considerando-se apenas o que o indivíduo aprende no ambiente em que vive (Skinner, 1953).

3. TEORIA INATISTA

Ao analisarmos a abordagem naturalista, dirigida pelo teórico Rousseau (2004), é possível observar que, no processo de aprendizagem da criança, ela é vista como um

indivíduo único, com personalidade própria, sem depender do meio em que vive para a construção de sua identidade. Durante a infância, Rousseau (2004) compara a criança a uma “planta” que cresce e se desenvolve naturalmente.

No ambiente escolar, o professor é considerado apenas um facilitador do conhecimento que já emerge da criança. Essa concepção adota um modelo organicista, segundo o qual o comportamento da criança está relacionado ao seu sistema nervoso. Rousseau (2004) buscou interpretar a infância de uma forma mais natural, rompendo com o conceito tradicional, herdado da Idade Média que desconsiderava as particularidades dessa fase. Sobre isso, ele destacou:

> A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas [...] (2004, p. 91).

A visão de Rousseau (2004) enfatiza que a criança deve ser vista e respeitada como criança, permitindo-lhe vivenciar essa fase de forma pura, sem exigir além de seus limites. A infância, para Rousseau, é um marco importante que deve ser reconhecido e valorizado.

A teoria inatista, por sua vez, complementa essa abordagem ao entender o aprendizado como um processo natural. Segundo os racionalistas e, especialmente, Rousseau (2004), o estudante já possui conhecimentos inatos desde o seu nascimento. Com uma pedagogia não diretiva, ela (a teoria) vê o professor como um incentivador dos saberes existentes, sem impor ordens. O indivíduo não é considerado um “papel em branco”, mas alguém que traz consigo um conhecimento próprio e particular.

4. TEORIA INTERACIONISTA

Buscando analisar a concepção histórico-social, dois teóricos fundamentais se destacam: Jean Piaget (1973) e Lev Vygotsky (2007). A base dessa concepção pode ser encontrada nos primeiros estudos de Piaget (1973) que afirma que o conhecimento cognitivo se inicia desde o nascimento da criança. Essa perspectiva é complementada pela teoria sociointeracionista de Vygotsky (2007) que prioriza a interação do indivíduo, indo além do conhecimento inato.

De acordo com Vygotsky (2007), a relação social da criança se constrói a partir da cultura em que está inserida, abrangendo interações com adultos e outras crianças. Para

que o aprendizado na infância seja lúdico, favorável e eficaz é indispensável promover interações significativas, fundamentais nessa fase da vida e que contrastam com as abordagens tradicionais. Essa concepção posiciona a criança como protagonista do processo de ensino e de aprendizagem.

A abordagem interacionista está relacionada à pedagogia relacional que defende que o conhecimento se inicia desde o nascimento, especialmente, na primeira infância, quando a criança assimila o meio físico e social. A teoria sociointeracionista proposta por Vygotsky (2007) destaca tanto as relações sociais do indivíduo quanto a cultura em que ele está inserido. Assim, a interação com outras pessoas é considerada essencial para o aprendizado.

Dessa forma, a criança é vista como um ser simbólico (diferentemente da perspectiva ambientalista que a enxerga como um produto passivo), sendo reconhecida como uma protagonista ativa no processo educativo. O entendimento de que a criança desempenha um papel ativo em seu desenvolvimento ressalta a importância da interação social na formação do conhecimento (Piaget, 1973; Vygotsky, 2007). E tal ideia é corroborada por Wallon (1981):

> "Para Wallon, o projeto de sociedade define o projeto de educação, onde formar sujeitos históricos, autônomos, capazes de construir sua sociedade implicaria em associar essa meta aos métodos pedagógicos, apoiando-se em princípios científicos relativos ao conhecimento da criança e do meio em que está se desenvolvendo" (Wallon apud Profa. Elaine Moral Queiroz, 1941/1981).

A criança, enquanto sujeito histórico e de direitos (2009), relaciona-se ao sentido delas (as crianças) assumirem o papel de protagonistas de próprio aprendizado tendo o professor como o mediador deste processo (2007). Nessa proposta, elas não são apenas agentes receptivos de informações daquilo que os adultos ensinam, mas também passam a assumir o protagonismo no processo de seu desenvolvimento.

5. INFÂNCIA OU INFÂNCIAS

A infância, observada e estudada por Piaget (1973) e Vygotsky (2007) é dita como a fase inicial de qualquer indivíduo e que, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), essa fase é dividida em três grupos etários: bebês (0 a 18 meses), crianças bem pequenas (19 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). E, a partir dela, podemos apreender e compreender o mundo através das experiências com o outro, seja com adultos ou outras crianças. De acordo com os

estudos desses teóricos, pode-se afirmar que tudo que será estimulado e experimentado nesse período influenciará na vida adulta, seja de forma positiva ou negativa.

Ao fazer a leitura do texto de Moacyr Scliar (1995), “Um País Chamado Infância”, vemos que o mesmo aborda algumas questões sociais relacionadas à infância. De acordo com o autor, a infância não é vista como algo único e nem todas as crianças terão oportunidades semelhantes, recursos igualitários e experiências marcantes. Isso vem desde a vida financeira dos pais dessas crianças e a forma de criação que eles tiveram em suas infâncias. Por isso, não só há apenas uma infância e sim infâncias de várias concepções diferentes, de costumes, culturas e tradições diferentes.

> Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Para estas crianças, a infância é um lugar mítico, que podem apenas imaginar, quando olham as vitrinas das lojas de brinquedos, quando vêem TV ou quando olham passar, nos carros dos pais, garotos da classe media. Quando pedem num tom súplice – tem um trocadinho aí, tio? – não é só dinheiro que querem; é uma oportunidade para visitar, por momentos que seja, o país que sonham (Scliar, 1995, p. 4).

Através da fala do autor Scliar (1995) ao citar “país da infância”, pode-se pontuar as dimensões da infância que este artigo busca esclarecer. A infância dita de forma geral é o espaço livre para toda criança que, por sua vez, vivencia essa fase de maneira fantasiosa e lúdica. Como havia citado anteriormente, a primeira infância possui várias demandas para a aprendizagem que vão desde o desenvolvimento para a comunicação verbal ou não verbal, compreensão do mundo e suas próprias emoções sejam no ambiente familiar, escolar e, em geral, no meio em que se integra, assim como menciona Vygotsky (2007) em sua teoria sociointeracionista sobre a importância das inter-relações desde a primeira infância até a idade mais avançada.

Essas interações do indivíduo com o meio trazem benefícios, pois a abordagem histórico-crítica de Vygotsky (2007) pontua que as pessoas constroem o conhecimento a partir do outro, de suas experiências e dos seus saberes compartilhados. Mas, ao olharmos para uma criança que vive sob uma carência de afetos, que não possui incentivos, que não tem o prazer de brincar com brinquedos ou oportunidades de se divertir, conhecer e participar de interações com outras crianças pode-se, então, vir a refletir sobre qual infância caberia a essa criança e se o tal “país da infância” existirá sob seus prejuízos, quanto indivíduo em sociedade.

A concepção de infância nasceu a partir do século XVIII, quando as crianças começaram a ser reconhecidas de maneira diferente dos adultos, possuindo particularidades. Com isso, passaram a ter seus próprios quartos, uma alimentação adequada e momentos de brincadeira com outras crianças, tendo um espaço específico

para elas, em vez de estarem sempre junto dos adultos em seus trabalhos e relações, sendo tratadas como pequenos adultos (Sulzbach, 2000).

> A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade (Kramer, 2006, p.14).

A infância é uma construção social que antes tinha outro olhar, mas que se transformou conforme a organização da sociedade como foi apontada por Kramer (2006) a partir da sociedade capitalista urbano-industrial, quando a criança passou a ter um papel distinto.

5.1 INFÂNCIA ENQUANTO CATEGORIA SOCIAL

Em uma de suas obras Kramer (2006) cita o modo capitalista que faz com que a sociedade tenha a visão de que crianças e adultos poderiam estar inseridos no mesmo ambiente para a mão de obra. No entanto, entende-se que, nos dias atuais, a criança já não é mais vista apenas como uma mão de obra, mas como um ser que ainda está buscando aprendizado, que necessita imaginar, criar, brincar e ter conhecimento através da fantasia e que é reconhecida como um sujeito histórico e de direitos (2009).

6. FILME MATILDA (1996)

O filme Matilda (1996) retrata a vida da menina Matilda, uma criança de seis anos que possui uma inteligência incomparável, porém, vivendo em meio a pais grosseiros e com um irmão mais velho que não lhe dava a mínima atenção. Durante todo o filme essa menina precisava se virar sozinha: se pentear, se vestir, preparar a sua própria comida e, até mesmo antes de ir para escola, Matilda aprendeu a ler e a escrever e lia muito. Ela sempre ia à biblioteca da cidade em que morava para que pudesse pegar alguns livros emprestados para ler, já que esse era seu passatempo favorito. A menina tinha um interesse enorme em começar a frequentar a escola. Porém, seus pais não lhe apoiavam nisso. Mas após seu pai, Harry Wormwood fazer um acordo comercial com a diretora da escola, ele aproveitou a oportunidade para se “livrar” da filha e a matriculou na Escola Crunchem Hall, que era dirigida pela Senhora Trunchbull, uma diretora bastante tradicional.

Durante a sua trajetória em lidar com o sistema tradicional (e até agressivo) dirigido pela diretora em sua escola e com os conflitos que havia em casa e com seus pais, Matilda

começa a desenvolver poderes telecinéticos[2], o que a fazia ter mais vantagens perante seus colegas de turma e se sobressair das situações complicadas com a Senhora Trunchbull, diretora da escola (antagonista do filme), que sempre buscava tratar as pessoas com desprezo e agressividade, até mesmo uma das professoras, a Senhorita Honey, sua sobrinha.

Ao contrário da Diretora Trunchbull, a Senhorita Honey era uma pessoa carinhosa, acolhedora e bondosa que gostava bastante da relação entre os professores e os estudantes. Depois de muitos desafios enfrentados por Matilda, ao fim do filme, Trunchbull não era mais a diretora da escola. A Senhorita Honey conseguiu adotar Matilda e as duas puderam viver felizes.

7. ANALOGIA DOS PERSONAGENS DO FILME MATILDA (1996) COM AS TEORIAS DE APRENDIZAGEM

Ao estudarmos as teorias podemos fazer uma analogia entre elas e os personagens do filme Matilda (1996). Observa-se que, numa teoria Inatista, levando em conta que a criança já possua o seu conhecimento próprio sem antes precisar de um meio social para isso, podemos relacionar essa teoria com a personagem principal do filme Matilda que, com apenas com três anos de idade aprendeu sozinha a ler, a escrever e ir em busca das suas metas e realizações.

Dito isso, podemos apontar que ela é uma criança que apresenta um conhecimento inato que está presente desde o seu nascimento e que as influências do seu meio (família) não a fizeram mudar, ou seja, mesmo crescendo em uma família que não valorizava o conhecimento e a educação como ela, Matilda se desenvolveu a partir de suas habilidades naturais. Com essa perspectiva, pode-se observar que alguns saberes e talentos estavam presentes desde o seu nascimento.

Agora, numa teoria ambientalista, vista como uma concepção no qual o conhecimento só se tem através da experiência e que o outro só aprenderá a partir da experiência, pode-se pontuar alguns personagens que estão relacionados com essa teoria de maneiras diferentes. Primeiramente, os pais de Matilda (protagonista do filme) que são arrogantes e que a tratam com desdém, sem demonstração de afeto ou importância,

[2] Telecinético é um adjetivo que se refere à telecinesia, que é a suposta capacidade de movimentar, manipular, abalar ou exercer força sobre um sistema físico sem interação física (Dicio, Dicionário Online de Português).

fazendo com que pense que essa seria a maneira correta de viver e criar seus filhos, o que resulta na criação do irmão mais velho da menina que, por meio da imitação, faz tudo o que os seus pais faziam, tendo uma infância através da experiência com o meio em que vive.

Nessa mesma teoria podemos relacionar também com a Senhora Trunchbull, diretora da escola, que possui métodos totalmente tradicionais. Tanto na resenha do livro traduzido por Érico Assis de Roald Dahl (2010) quanto no filme, não se é tanto abordado sobre a infância da Senhora Trunchbull, mas percebe-se que a personalidade dela foi moldada por uma vida de rigidez e ressentimento. Importante levar em conta também a época em que a história do filme se passou, em que os professores possuíam certa rigidez, tratando os estudantes (passivos) de forma bruta e nada dinâmica, o que resultava em comportamentos de medo.

Numa teoria Interacionista, em que se acredita que o conhecimento necessita do meio social para o desenvolvimento dos outros conhecimentos necessários para vida, sejam eles para a construção de identidade, normas, valores, controle das emoções etc, podemos relacionar essa concepção com a Senhorita Honey, a professora querida por Matilda e sua classe. Por mais que a Senhorita Honey tenha a Diretora Trunchbull como tia, ela possui um carinho e cuidado extremo pelas pessoas, em especial seus estudantes. Ao longo do filme ela relata um pouco sobre a falta que o seu pai tem feito desde o seu falecimento e, com isso, podemos pontuar que o falecido Dr. Magnus Honey havia dado a Honey, quando criança, uma infância saudável e afetuosa, até a sua partida.

Ao relacionar as teorias de aprendizagem (Ambientalista, Inatista e Interacionista) com os personagens do filme Matilda é possível ver que as crianças podem ser influenciadas por suas famílias, cuja concepção tem mais clareza e que as influências podem vir ou não a acontecer. De acordo com Vygotsky (2007) essa influência pode vir ocorrer por meio da interação; já o teórico Skinner (1983) acredita que seja por meio da imitação e o estudioso Rousseau (2004) nos mostra que também possa vir do organismo. Matilda, vista como uma criança inata, não possuiu os costumes tradicionais de seus pais e irmão. A Senhorita Honey, mesmo crescendo com a Senhora Trunchbull, não adquiriu o comportamento de sua tia, ao contrário, tanto Matilda quanto a Senhorita Honey desaprovam totalmente os comportamentos de suas famílias e, assim, acontecem nas diversas infâncias presentes em nosso cotidiano.

A família e a escola influenciam em decisões, materializam costumes e, muitas vezes, definem ou constroem junto das crianças as suas personalidades não dando tanta

oportunidade de poderem fazer isso sozinha, por elas mesmas. Scliar (1995), em seu livro “Um
País Chamado Infância”, também nos faz perceber que a infância tem uma importância enorme quando se trata da fase de ser criança, pois através desse período é que são adquiridos costumes, traumas, vivências e a formação do indivíduo para a vida, seja por meio da construção da personalidade ou da identidade de cada um.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Matilda* (1996), utilizado como ferramenta de análise para a compreensão das teorias apresentadas neste artigo exemplifica, de uma forma ilustrativa, como as teorias ambientalista, inatista e interacionista se fazem presentes nos diversos personagens do filme e como isso se manifesta e influencia no desenvolvimento infantil até a vida adulta.

Matilda representa a teoria inatista, demonstrando suas habilidades, superando seus desafios e sua disposição em ajudar os outros além de seu interesse na leitura e na escrita, mesmo inserida em um ambiente que não lhe via nem mesmo como uma criança. Com isso, vemos que a persistência e o desejo pelo que se almeja advêm desde o nascimento, sem interferências externas, de forma natural. Por exemplo, como Matilda, algumas crianças, de maneira espontânea, podem demonstrar uma habilidade incomum para aprender a ler ou resolver problemas matemáticos, sem que ninguém precise incentivá-las, explicitamente, algo que é completamente inato ao seu desenvolvimento.

Já a abordagem ambientalista, representada pelos pais e irmão de Matilda e a Senhora Trunchbull, reforça uma educação tradicional, rígida em que as relações de afeto não são cultivadas podendo influenciar o comportamento e o desenvolvimento de seus filhos, o que acaba afetando o próprio irmão mais velho que, através da observação, imita os comportamentos dos pais. Os estudos de Skinner (1983) de que a imitação e as experiências ambientais influenciam de maneira crucial na formação da personalidade são observados, claramente, pelo comportamento deles. A Senhora Trunchbull ilustra isso com seus métodos de ensino severos (agressivos) e tradicionais, utilizando reforçadores negativos e traumáticos, o que é um exemplo claro de como um ambiente educativo rígido e opressivo pode limitar o desenvolvimento dos estudantes. Um exemplo disso pode ser visto em escolas nas quais os estudantes, ao serem constantemente disciplinados de forma punitiva e sem espaço para expressar suas opiniões ou sentimentos, desenvolvem comportamentos retraídos ou, em alguns casos, problemas de autoestima e indisciplina.

A Senhorita Honey, por sua vez, representa a teoria interacionista. Sua forma afetuosa com Matilda e seus colegas de classe ilustra a importância das interações sociais e da compreensão emocional no processo de aprendizagem, principalmente, em casa e nas escolas. Entre Honey e Matilda observa-se como um ambiente educacional afetuoso sobressai de forma positiva em relação às interações e como o emocional enriquece um ambiente, assim, dando ênfase nos estudos dos teóricos Piaget (1983) e Vygotsky (2007) sobre a importância das interações sociais. Um exemplo claro dessa teoria pode ser percebido quando professores, ao criarem um ambiente de apoio emocional e interação constante com os estudantes, conseguem promover maior engajamento e aprendizado, como a Senhorita Honey fez ao compreender e respeitar as necessidades emocionais de Matilda, resultando ainda mais positivamente em seu progresso acadêmico e emocional. Como afirma Neufeld (2023) “Crianças aprendem melhor quando gostam de seu professor – e quando sabem que seu professor gosta delas” (Gordon Neufeld apud Sistema Poliedro, 2023).

Através da analogia feita entre as teorias da aprendizagem sob a perspectiva da infância com o filme, fica claro que não existe uma abordagem única (que seja adequada ou não) que se ajuste a todas as crianças. Entendemos que cada indivíduo é moldado com características de fatores inatos, ambientais e interacionais. Tendo em vista a diversidade nas experiências e nas condições de vida das crianças e com a perspectiva de que não há apenas uma infância e sim várias infâncias, podemos analisar os desafios do desenvolvimento infantil e a necessidade de um olhar pedagógico que perceba e reconheça essa diversidade.

Portanto, a educação e a formação dos indivíduos, ainda na sua fase da infância são essenciais para se ter a noção de seus contextos e influências na vida adulta. A educação representada por diferentes percepções e práticas educacionais, como já mencionadas neste artigo em que as teorias inatista, ambientalista e interacionista esclarecem tais perspectivas sobre diferentes aspectos do desenvolvimento infantil e a integração dessas abordagens, pode proporcionar uma compreensão ainda mais eficaz dos processos de ensino e de aprendizagem. E como um todo, as escolas, famílias e a sociedade devem estar atentas a esses diferentes contextos para que se possa promover ambientes de aprendizagem que valorizem e não excluam as características de cada criança para que todas tenham a oportunidade de alcançar o seu pleno desenvolvimento através de aprendizagens significativas.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3 v. BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 18, 18 dez. 2009.

DAHL, Roald. **Matilda**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Danni. Resenha: **Matilda – Clube do Farol**. Clube do Farol, 27 de setembro de 2022. Disponível em: https://www.clubedofarol.com/2022/09/resenha-matilda.html?m=1.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: **orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade**.

Brasília: FNDE, 2006. Disponível em: http://periodicos.unesc.net/amicus/article/viewFile/534/526.

MATILDA. Dirigido por Danny DeVito. TriStar Pictures, 1996.

PIAGET, J. (1973). **Para Entender é Inventar: O Futuro da Educação.** Viking Press.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995.

SISTEMA POLIEDRO. **O que é pedagogia afetiva?** Disponível em: https://www.sistemapoliedro.com.br/blog/o-que-e-pedagogiaafetiva. Acesso em: 5 mar. 2025.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Free Press, 1953.

SKINNER, B. F. **O mito da liberdade**. *3 ed. São Paulo: Summus, 1983.*

SULZBACH, L. **A Invenção da Infância** [documentário], 2000. VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo, M.

Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Trad. de Cristina Carvalho. Lisboa, Edições 70, 1941/1981.